



FOLHA DA TARDE

REDAÇÃO

123 — RUA DOS CORREIROS — 2.ª

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR

A. DE SOUZA PINTO

ADMINISTRAÇÃO

140 — RUA DOS CORREIROS — 1.ª

ASSIGNATURA

Lisboa, trimestre 900 réis
Provincia, semestral (incluindo) 2250
Brasil, por anno (moeda forte) 12.000

1.º Anno

Segunda feira 24 de julho — 1882

LISBOA

Numero 23

PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha 20 réis
Comunicados, por linha 60
Numero avulso 10 réis, passado o dia 20

TRIBUNA

A LEI DA IMPRENSA



JORNALISMO politico, na lucta pelo poder, define o caracter da epoca. A injuria deprimente e a insinuação perfida são a moldura do quadro aggressivo, onde as paixões facciosas destacam do fundo negro da intriga irrequieta. Se a imprensa politica tivesse o mais infimo dote de auctoridade critica, a historia diria ao futuro que Portugal neste seculo só ostenta, na galeria dos estadistas, a bolsa de Judas ou a tunica de Dimas.

O jornalista da opposição, collocado em linha de combate, intende que o seu unico dever é matar o governo. Neste fervor dystrophico, os escriptores violentos batem-se com frases ignavas de Marat e os criticos distinctos servem-se dos sorrisos motejantes de Juvenal.

Perante o espirito faccioso, não se encontra, na amplidão da patria, um ministro digno. Para a imprensa politica, quando opposição, todos os governos são execráveis. Uns vendem a corôa para comprar o povo, outros vendem o povo para comprar a corôa. Uns são renegados, outros são falsarios. Uns são miseráveis e imbecis, outros são ladrões e infames. Todos... traidores da patria!

Eis o anathema fatal, solto da ira partidaria, contra todos os estadistas, que desfilam atraves de qualquer situação. Ora, isto não constitue liberdade de critica; isto é a libertinagem da imprensa. Isto não é uma regalia sagrada da consciencia publica; é um desaforo intolera-vel do egoismo politico. Não é uma virtude social, é um vicio partidario. Não é o exercicio de um direito sagrado, é o abuso de um crime nefando.

A lei deve vir ao encontro d'esta

calamidade publica, com toda a serenidade da prudencia e com todo o valor da justiça.

O jornalista, na opposição, é cruel nas invectivas, feroz nos aleives, virulento na phrase. O mesmo jornalista, quando o seu partido constitue governo, é um bajulador repugnante, um thuribulario servil, um parasita deprimente. Aqui, como em todos os casos de ordem social, ha honrosas excepções. Mas os escriptores, que pertencem a essa nobre categoria, clamam comnosco por uma reforma radical na lei da imprensa.

Tal reforma é indispensavel e urgente.

Indispensavel, porque o vilipendio a uma virtude é mais iniquo do que o assalto a qualquer thesoiro. A honra vale mais do que o oiro.

Urgente, porque a imprensa nos seus excessos e nos seus delirios é o fermento de maior corrupção para a alma popular. E o futuro da patria, na evolução do progresso, depende da educação social.

O journalism politico, nas suas declamações fulminantes, aponta ao throno a fronte de Jano, para apavorar o chefe do Estado com a mascara da guerra. E nas suas aberrações estupendas, a imprensa quebra os escudos da nação sobre o lodo das maximas ignominias.

O rei, que deve ser o ponto de apoio da alavanca politica que ampara o paiz, é o alvo para onde estão engatilhadas as furias indomitas de todos os escribas pomposos, desde o pamphletario cahotico até aos feros nepotes dos corrilhos turbulentos. Comprende-se o fetichismo, em que as tribus barbarescas, no seu fanatismo selvagem, se curvam diante de qualquer idolo ridiculo. Não se comprehende o paganismo politico, em que os devotos da monarchia entregam á irrisão publica e á execração critica o symbolo supremo da sua Lei.

Mas isto existe. Todos o observam. Todos o lamentam. E é tempo de passarmos das tristes lamurias para as prescripções severas.

Este movimento vicioso não conduz sequer á revolução; produz somente a dissolução.

Esta lupercal politica não dará viabilidade a qualquer direito: dará simplesmente a morte da patria. Mor-

te vergonhosa, com todo o apparato da podridão social, depois do delirio violento das ambições allucinadas, depois do periodo agonico das paixões leprosas.

Para obstar a maiores perigos é preciso appellar já para as reformas. Comece-se pela lei da imprensa, como medida heroica para evitar a dissolução social.

A imprensa livre no Estado livre. Eis o nosso ideal. Agora appareça a lei para demonstrar, com a eloquencia do direito, onde termina a liberdade, e onde começa a libertinagem.

HAMLET.

O HOSPITAL MONUMENTO

O hospital monumento é a suprema irrisão da hygiene. E' o carcere fatal do infortunio desvalido. E' o convento da morte, onde se recebem, em congregação, todas as doenças.

A medicina e a philosophia insurgem-se contra esse legado funebre de execranda rotina.

A politica varreu dos cenobios os vicios das comunidades exploradoras; a civilização deve libertar, dos hospitaes, a desgraça das comunidades exploradas.

A vadiagem do claustro e a orgia dos refeitórios indignaram o progresso, que viu no frade um parasita social. As amarguras lentas da enfermaria infecta e os pavores legitimos do horrendo hospicio devem preoccupar o espirito do seculo, e reclamam a attenção da lei, a favor dos ingetados da sorte, que só se abraçam no rude trabalho da officina e nas lugubres desventuras dos hospitaes.

Um enfermo é, em geral, um foco de irradiação morbida, que prejudica a pureza do ambiente onde habita. E a viciação do ar entra logo como factor deletorio, fornecendo mais um elemento ao fundo pathologico.

Amontoar doentes, em perene exhalação mefitica, nos catres immundos de enfermarias infectas, é legalizar o assassinio lento pela corrupção da hematose e pelo transformismo da infecção. Isto é tão simples, tão intuitivo, que não carecemos da essencia profetica nem da sabedoria academica, para cair, de braços cruzados, diante d'esta verdade fatal.

Tracta-se, entre nós, do cano de esgoto, onde os sabios, com a lente divina da sua inspiração, descobriam com espanto das gentes o fermento coevo da sua febre de Lisboa. E esses sabios, que entre os faustos palacianos declamam discursos sonoros contra a infecção urbana; esses vultos ingentes da medicina dogmatica, ainda não tiveram uma phrase indignada, um gesto irado, um impulso intimo para combater a enfermaria indigena, que é o verdadeiro cano de esgoto dos hospitaes, donde podem derivar todas as miserias morbidas para a população humilde, que pede saude aos deuses da nossa hygiene.

Houve, ahí, uma discordia nauseante, que irritou a dignidade do bem, mas que serviu de bandeira para cobrir a responsabilidade clinica nesta desgraçada questão. Foi a antinomia violenta, tempestuosa, repulsiva, atrada com as mãos barbarescas da administração profana ás faces pacientes da medicina humilhada.

Mas,—dignos apostolos da hygia altiva! vós—que sois idolos entre magnotes, dezapparecesteis entre os atomos da nullidade, perante a competencia impalpavel de adversarios fantasticos?

Fraucamente: nos hospitaes monumentos ou a sciencia serve com a grilheta do egoismo sob o dominio despotico da ignorancia, ou o poder da rotina deshumana é supremo e inviolavel. Em qualquer dos casos a escola humanitaria lamenta os suspiros intimos do paciente desventurado, que, na podridão das enfermarias, só tem lagrimas para suavizar dôres, só tem o ecco dos seus prantos para aturdir o delirio das suas magoas.

O governo, que é o tutor dos humildes e o genio da caridade perante todos os infortunios, deve contemplar com uma attenção benefica esse montão de desgraçados, que, nos perigos da morte e sob a oppressão da miseria, abandonam as caricias do lar, e com a alma ferida de affectos sagrados entregam o corpo em ruinas ás sevicias da enfermaria deletoria.

Influa a inspiração do bem no espirito do ministro, para que esta prece, pela desventura, seja util aos desditosos.

O hospital-monumento é uma no-

doa da hygiene e um sarcasmo da philosophia. O camartel da civilização, cedo ou tarde, ha de derrubar essa masmorra funebre da desgraça social, e o soccorro domiciliario será, então, o amparo digno da indigencia paciente, que, nas vascas da morte, poderá ao menos beijar, em derradeiro culto, a mão tremula da mãe dolorosa ou a face compungida dos filhos estremecidos.

Em quanto o clarão vespertino d'esta aurora humanitaria não desponta no horizonte social, confie o governo á sciencia a guarda de honra da doença e da desgraça, para que os clinicos se não desculpem com a tyrannia da ignorancia.

HAMLET.

VIDA DA CÔRTE

O FIM DO MUNDO

O «Mundo» exala, neste momento, o ultimo suspiro. As disposições da hora solemne são as seguintes:

«Lêgo aos assignantes, como brinde de gratidão, todos os numeros que receberam até hoje.»

«E deixe á redacção o conselho, muito philozophico, de se não metter, jamais, em brincadelras jornalísticas.»

Codicillo:

«Ao lado do meu tumulo quero os motejos dos inimigos, os sorrisos dos adversarios, e as exclamações doloridas dos amigos dilectos.»

«Sobre a campa desejo o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ UM VIZIONARIO.

«Nada mais.»

Attentas estas disposições, os assignantes que tiverem pago o jornal, di-

AMORES

A

I

Segura um raio do sol;
aperta na mão a brisa;
agarras os sons que desliza
do salgueiro o roxinol;

tira os perfumes á flor,
ás fontes o murmúrio;
a placides tira ao rio;
tira ás nuvens o alvor,

e as perlas que tras o mar,
e o azul que tras o empíreo,
e o frescor que tras o lírio
quando a aurora o foi beijar.

No molde de um querubim
de longas e cheias tranças,
estes dez primoras lanças
co'as tuas mãos de marfim.

Solta o fiat divinal...
—e tens o vulto diante
da Beatris d'este Dante,
da tua gentil rival.

¿Queres o rosto sem par
ver-lhe ainda mais perfeito?
Rasga-me então este peito;
que lá dentro o has de achar.

Mas... ¿que foi?—anjo do ceu!—
Descóras? empallideces?
¿Pois nem a ti te conheces?
Este retrato... é o teu!

II

Eu deito-me a pensar no teu semblante;
acôrdo, e dou-te logo o pensamento;

mas nunca,—meteoro radiante,—
me atravessas o somno um só momento.

Debalde fôrmo carcere das palpebras,
'nelle cerro a visão que me enamora;
—apenas adormeço, evais-te e deixas-me
e não tornas a vir antes da aurora.

Ha tanta noite maga, ha tanta estrella,
entre o sol que descei e o sol que nasce,
—e nunca uma só noite se desvela
em que me embale o somno a tua face!

E mais devião fôrmas tão fantasticas
preferir esse mundo, alvo e rizonho,
que desdobra Morfeu no vño do craneo,
e um sonho assim pairar entre outro sonho!

Mas, não! tu nunca vens! A mente, lassa
de louca te seguir durante a vida,
assim que o somno cái, treme, evasoa,
e cái tambem co'o somno adormecida.

III

Quando os teus olhos comparo
ás scintillantes estrellas,
o favor vem a ser d'ellas,
que não têm brilho tão claro!

Quando tracto de oiro bello
as tuas loiras madeixas,
já supponho ouvir as queixas
que desprende o teu cabello!

Quando o teu collo asseguro
que de marmore parece,
elle não se desvaneca,
porque sabe que é mais puro!

Não ha nos mundos primoras
a que sejas comparada!...
Tu és só tu, e mais nada!
... e a cauza das minhas dores.

guem-se reclamar essa importância na administração.

Também: nada mais.

Publicamos hoje nos *Postres* o primeiro capítulo de um livro de viagens, devido á primorosa penna do sr. Anselmo de Andrade, e que brevemente deve sair do prelo.

O governo tenta transferir o lyceu de Lisboa para um palacio de sciencia que ainda está em planta.

Os alumnos da escola medica que terminaram a formatura, querem ir ao concurso de qualquer partido clinico, mas isto é-lhes vedado por esta pronuncia los.

Corre com insistencia que serão amnistiados. Nós já tinhamos dito, ha dias, que a absolvição, para o delicto academico, dependia simplesmente de uma questão de fórma.

Os caixeiros, que são uns martyres do trabalho, pediram ao bom senso dos patrões algumas horas do domingo, para respirar ar puro. O desejo d'estes briosos luctadores, que são os servos do balcão, alem de justa é indispensavel.

Todos sabem que na baixa, desde o cano de esgoto até o ether, está tudo saturado de miasmas putridos e effluvios deletorios, capazes de transformar o rubor plethorico dos athletas na palidez livida dos anemicos. Um sujeito condemnado a viver eternamente naquelle meio está pronto. E' preciso suavizar, na esfera da hygiene e nos limites do possível, a crua sorte dos marcanos e a prisão deprimente do caixeiro. Nós applaudimos, em face da sciencia e da humanidade, os esforços legitimos de esta prestante classe.

O sr. Anselmo de Andrade, talento privilegiado e erudito profundo, publicará, em breve, um livro, onde a analyse scientifica se ostentará nos maiores esplendores litterarios. A obra, a que alludimos, é a philozophia da historia, com o maior rigor da critica. Os vestigios das epochas obscuras, veladas por densas trevas, são apreciados com uma erudição extraordinaria. O proeminente escriptor apresenta o seu precioso livro, com a primeira parte da paleontologia humana. Refere-se ás populações lacustres. Mais tarde publicará estudos admiraveis acerca das populações paleolithicas, neolithicas, até á era de bronze.

Estudar a fauna e a flora, em epochas que apenas facultam ao observador vestigios de fosséis, é o maior arrojio dos espiritos dilectos da sciencia moderna.

O sr. Anselmo de Andrade, tão erudito como modesto, é distincto nas primicias da analyse, admiravel no rigor da synthese.

A sua obra destina-se ao espirito academico.

Foi exonerado do logar de ajudante de orlens do governador da provincia de Macau o sr. Carlos Alberto Feio Folque.

IV

Quem te visse passar muda e serena sem devolver os olhos p'ró meu lado, havia de pensar que alguma pena o nosso immenso amor tinha esmagado...

Mas quem pozes e attentos os ouvidos na briza que tão languida soprava, havia de escutar uns ais rentados envoltos no perfume que levava...

Era a resposta do meu louco affecto ás vozes que o teu peito erguia calmas, — era o morbido som do dialecto que falavão a sós as nossas almas.

V

No mar encapellado da existencia, se me rompe o baixel a desventura o que defendo sabes do naufragio?

PRISMA POLITICO

O publico, avido de espectaculo, sempre excitante, espera pela perseguição á imprensa. Se o publico fosse mais justo proferia, por certo, pedir nova lei para a convenção jornalística.

Actualmente, nenhum partido tem força moral para corrigir artigos sediciosos, porque a sedição da penna tem sido arma de combate nas mãos dos politicos mais illustados de todas as facções.

Castigar, nos outros, os nossos vicios, será politico mas é iniquo.

O que está demonstrado, com a maxima eloquencia dos factos, é que a linguagem verrinosa, derivante da paixão, é sempre nociva e dissolvente.

Se a imprensa tem, por fim, depurar o espirito publico, a imprensa, com doestos e diatribes, só consegue deprimir a alma popular. Mas a diatribe da perfidia enerva o jornalismo, logo: é urgente inventar nova therapeutica dos codigos para curar a reversão da penna.

Appellemos, enfim, para nova lei. Inaugure-se uma epocha nova, onde a convicção, em estylo digno, seja o molde da lucta politica. Só o parlamento pode dotar a patria d'este depurativo radical.

Os espiritos lucidos de todos os partidos sentem, neste ponto, a necessidade da reforma. O legislador não deve perder a oportunidade que lhe é ilicada pelo consenso politico.

E antes d'isto nada de vexames, que, pelo cunho da excepção, se tornariam profundamente odiosos.

A emigração para as ilhas de Sandwich deve ser vigiada pelo governo.

E' muito facil explorar o povo, quando se lhe acena com o fantasma da fortuna. Ora os enganadores, sendo os parasitas da desgraça, hão de colorir, de falso brilho, ofertas equivocas e insidiosas promessas.

Acontecerá aqui, o que, neste ponto do pacto social, tem succedido em toda a parte. Os pobres desgraçados deixam-se seduzir com oblatas pompozias e blandicias fagueiras; principiam a ver a terra da promissão no horizonte da fantasia; sentem prazer em illudir as suas desditas; e lá vão elles, esperançosos e rejubilantes, para um clima inhospito e para um paiz estranho.

Depois de lucta terrivel, entre o trabalho e a decepção, succumbem ás suas dores, ou fogem espavoridos, simulando de porta em porta, até regressar á patria.

Portugal que possui, extensas e feracissimas colonias, deve dirigir a corrente emigrante para Moambique ou Angola, onde a prosperidade colonial requer, sobretudo, abundancia de braços.

O intento é de resolução facil desde que o Poder, que tem por fim reger o Estado, empregue meios de propagand para tão justo fim.

o que a nadante mão não dexaferra?
—O meu unico haver: o teu retrato...

Tu és o meu poema, os meus *Lusiadas*.

VI

¿Sabes, — amor do meu peito, —
donde as manchas vêm ao sol?
porque não ficou perfeito
o dealumbrante farol?

Perdeu umas gotas bellas
ao pendurar-se nos cous,
que andão por hi nas estrellas
... e tambem nos olhos tous.

VII

—Um dia vou lançar a traça fina
de um poema de amor,
em que tu has de ser a heroína,
em que ha de ser heroe o teu cantor:

MUNDO

Folha Nova responde-nos com a Anacreonte mas com os sorrisos de Democrito. Decidir questões sociaes em dityrambos manhozos não nos parece á altura do estro politico; mas, nestes venturozos tempos de livre arbitrio, a cithara de Pindaro é mais sympathica do que a penna de Marat.

Nós estamos, com a poesia, como com a muzica, em idyllo permanente. Mas, com franqueza, nem volupias nem sarcasmos nos teem arrancado do cerebro uma estrofe regular.

Attendo a isto, a *Folha Nova* e o *Mundo* batem-se com armas de zigues.

Não pôde ser, segundo o direito moderno da critica.

Nós, em doce enleio, responderemos com o cantico do cygne ao som mordente da sua lyra.

Até os jardins do Infinito.

HAMLET.

COSMOGRAPHIA NOTICIOSA

A Republica Argentina está produzindo milho em larga escala. A exportação é já enorme. Os navios ancorados em Montevideo e disponiveis para serem fretados foram reclamados por uma casa allemã de Buenos Ayres para carregarem d'este cereal.

Todos os vapores que se acham em Bueno Ayres carrigam para Italia, França, Belgica, Inglaterra, Hespanha e Portugal, comprometendo-se a transportar toda a carga existente. Os fretos subiram logo de 20 francos, que eram por tonelada, a 30, e apesar de tão exagerado preço, mais alguns vapores foram fretados.

O paquete *Bearn*, que ha pouco esteve no Rio de Janeiro, conduziu para Marselha e Italia cerca de 6:000 saccos de milho.

Em Rico, no Colorado, dois condemnados por assassinio não acabam de cumprir a sentença. Uma vintena de individuos a cavallo entram a galope na cidade, rodeiam o carcere, arrancam de lá os assassinos e enforcam-nos n'uma cabana vizinha.

Lei de Lynch.

O mau costume que algumas mulheres teem de coçar o ouvido com a agulha de fazer meia, foi cauza de uma grande desgraça no convento das Ursulas de Dinan.

Uma menina estava na sala entre as suas companheiras a fazer croché. De repente começa-lhe a pruir o ouvido, e de repente tambem mete por elle dentro a agulha de marfim com que estava a trabalhar. Nisto, tocamlhe no braço sem querer, e ella solta um grito lancinante e cái desmaiada.

A agulha, apesar de não ser muito aguçada, entrou-lhe muito no ouvido,

atravessou-lhe o timpano e rompeu-lhe a carotida.

Foram a correr' chamar um medico; mas quando chegou, a criança estava morta.

Um telegramma de Berlin diz que durante as corridas de cavallos de Bromberg, a tribuna do jury onde estavam quarenta pessoas, decahou.

O presidente Tiedemann ficou com uma perna quebrada, havendo mais alguns feridos.

Hip! hip! Hurrah!

Apareceu ultimamente, e com caracter um pouco assustador, o phylloxera em grande quantidade de vinhedos, na Hungria.

Realizou-se ultimamente em Paris o monomio dos estudantes de Saint-Cyr e de outros institutos.

O monomio, velha usança que data de tempos immemoriaes, é a reunião de todos os estudantes no dia do ponto. Dão o braço uns aos outros, e ligados como se fossem um só homem, atravessam o bulevar de S. Miguel, vão saular a estatua de Henrique IV, e acabam por ir á *Tia Moreau*, licorista afamada, que vende uns limõesinhos curtidos em aguardente que lhe teem dado celebridade. Cada um engole o seu, e debandam lepois.

Aquella fila de duzentos ou trezentos rapazes interrompeo transitio, e cauza agglomeração de gente; mas, por não sei que velho privilegio, é respeitada.

O monomio d'este anno metteu-se em se senta carruagens e foi á Praça da Concordia fazer uma demonstração patriótica em frente da estatua de Strasburgo.

Durante o primeiro semestre deste anno, o consumo do tabaco em Paris, charutos e cigarros, passou de 28 milhões de francos.

O *Pall Mall Gazette* diz que a disciplina de Mehemet-Ali é de ferro e de sangue, e para o provar conta o facto seguinte:

Um dia chegou-se a elle uma leiteira toda chorosa, e queixou-se que um soldado lhe havia roubado o leite que ella levava ao mercado.

—E que é que elle fez depois do leite? — perguntou o kediva.

—Saiba vossa alteza que o bebou. Immediatamente, o soldado foi preso e foi-lhe decepada a cabeça.

Aberto o estomago, viu-se que estava cheio de leite.

—Vai-te embora, — disse Mehemet á mulher depois de lhe ter pago o prejuizo: — se o leite não apparecesse, a tua cabeça pagava pela d'elle.

Ha em Argenteuil (França) uma cepa de vinha, em ramada, na qual se contam 575 cachos. Em 1877 produziu esta cepa 585 cachos e 501 em 1879.

Sobre as ruinas do paço de Saint Cloud, em Paris, surgirá dentro de alguns annos o Palacio de Cristal Frances. O projecto já foi apresen-

tado ao governo por mr. Nicole, e approved.

Este palacio, destinado, como o seu homonimo de Londres, á exposição permanente e geral dos ultimos e mais interessantes descobrimentos em todos os ramos do saber, será um edificio grandioso, artistico e esplendidissimo. Ali ha de acorrer de toda a parte do mundo civilizado o estudioso já doutrinado que queira aperfeiçoar-se; ali dirigirá os passos a sociedade elegante de Paris; e ali haverá concertos, conferencias, toda a sorte de diversões.

Mr. Nicole promette dal-o pronto dentro de alguns annos.

POSTRES

A JORNADA DA MANCHA

A viagem na Espanha começa por dois dias de aborrecimento, passados numa charneca, fria como a Rússia no inverno, e quente como a Africa no verão. A Extremadura é a Mancha são as divisões geographicas de um grande deserto. A densidade da sua população é apenas comparavel á das steppes tartaras. Não ha des habitantes por kilometro quadrado. Os oasis são raros e pouco menos de inhospitos. O primeiro, que se encontra, o maior e o mais populoso, é Badajoz. A palavra oasis applicada a esta cidade da fronteira, é verdadeiramente um tropo. Debalde se procura ali frescura ou commodidade. Badajoz ou queima ou geia. Não tem nada que a recomende ás visitas dos viajantes. Em tempo representou um papel militar. Depois passou a servir de cidade intermediaria no commercio das duas nações vizinhas. A sua importancia militar desapareceu, porém, inteiramente, e a commercial tende tambem a desaparecer com a nova linha de Cáceres. Atractivos pode-se dizer que não tem nenhuns. Por Badajoz passa-se apenas. Deixa-se logo sem saudades.

D'ahi a algumas horas chega-se a Merida. Nenhuma cidade espanhola possui tantas ruinas de monumentos romanos. Dizem as chronicas antigas que tinha seis legoas de circunferencia. Era de quinze metros de altura e deoito de largura a gigantesca muralha, que a cercava nessa enorme extensão toda. Tres mil e setecentas torres completavam o diadema da grande Cybele. Hoje, entre columnas truncadas e templos derubados, não se encontra em Merida senão o maior museu espanhol de antiguidades ao ar livre. Juncam o seu solo ruinas celebres como as do arco de triunfo de Trajano. Estão ainda de pé muralhas do grande circo, que foi um dos maiores do imperio, e é hoje só um vasto campo cultivado. Soberbas columnas de velho aqueducto, espalhadas numa extensão immensa, continuam a demarcar a antiga estrada das aguas. A fórma elliptica da afamada *naumachia* não se apagou do chão perto das ruinas dos templos de Diana e de Marte, onde, em logar dos velhos deuses caidos, veneram os christãos a esta-

«a narração fiel da nossa vida
d'este grato hymeneu,
que nunca assombrouo nuvem perdida
nos espaços vastissimos do ceu.

«Mas já tenho pensado seriamente,
e tornado a pensar,
e não sei que final consequente
ao famoso poema ou hei de dar...

O rosto, que ella tinha no meu braço,
ergueu então p'ra mim,
e disse, co'um sorrir morbido e lasso:
«—Este nosso poema... não tem fim!»

VIII

¿Qual de nós poizará primeiro a fronte
no leito de granito?
Eu, que já mal descubro um horizonte?
ou tu, que inda tens sede do infinito?

Attraiem-me as estrellas fascinantes
co'o seu olhar profundo;

mas eu supponho que não parto em antes,
p'ra que não finde logo a dor no mundo.

IX

Resistiu por largo espaço
á desventura inclemente,
o craneo furto e potente
do grande Torquato Tasso;

resistiu ao duro braço
do Godofredo valente,
que 'naquella augusta mente
batalhou com peito de aço;

nem aos golpes, que dardejã
contra o Genio a fula inveja,
o riço craneo cedeu...

—fôrão lá as Leonores
co'os seus cándidos amores
... e o P oeta endaldecu.

Diogo Souto

uns de santo Eulalia. Todas estas ruínas do paganismo estão coroadas por uma ruína da meia-idade, pelo castello dos valentes cavalleiros de Malatrava. Moderna é que não ha nada. Actualmente Merida é apenas uma Palmira no grande deserto castelhano.

Logo adiante encontra-se Don Benito, que é exactamente o contrario de Merida. É uma cidade, que não tem passado. Em compensação farta com um largo futuro agricola, garantido pela feracidade do seu solo e pela proximidade das mais ricas minas de phosphatos, que ha no mundo. Foi fundada por fugitivos, haverá dois seculos. Uns fugiam das inundações do rio, e outros das crueldades do conde, que dominava em Medellín. O asilo pobre converteu-se em rica e promettedora cidade.

Depois de Don Benito continuam as planicies immensas, sem aldeias, sem rios, sem casas e sem horizontes novos. A noite estende por fim as suas grandes azas negras sobre os campos, e quando as sombras fogem diante do dia seguinte que chega, parece que se está ainda nos mesmos lugares, onde na vespera anoiteceu.

Apenas se distingue um signal na face d'aquella erma á luz confusa das primeiras alvoradas. É Ciudad-Real. A locomotiva passa deixando ainda a dormir a sua população. Depois continua tudo deserto. Apenas um ou outro casal de longe em longe. Na passagem do comboio algumas eguas, que pastam, alevantam bruscamente grandes olhos, espantados pelo barulho da machina, que vai perturbar com os agudos silvos as suas solidões pacificas. Manadas de grandes bois castanhos e rebanhos de felpudos carneiros brancos pastam tambem. As collinas estão nuas sem arvores e sem burtos. As planicies estão mal vestidas. Frecoem tapadas com um manto roto feito de hervas velhas e amareladas, e de algumas searas de trigo e de cevada. É uma feia cobertura toda cheia de buracos, por onde rompem os grandes pedregulhos, que salpicam a vasta superficie, e por onde afforam tambem alguns cabeços estereis, cor de greda e escavados. As raras arvores, que se encontram, são esguias, despidas e melancolicas como dentes. Algumas conservam ainda umas folhas secas como um vestuario já velho a desfazer-se em farrapos. Gente não apparece. Apenas de legua a legua, no meio do tempo, está de pé algum pastor envestado ao seu curto e grosso cajado. Haros almocreves caminham pelas estradas montados em muares, no meio de nuvens de pó, graves, serios e silenciosos. O castelhano não canta unhas, nem assobia, como o nosso campones. Nenhum gorgoeio de avos, nenhum barulho de regatos, nenhum ramalhár de arvores perturba aquellas vastas solidões. Não ha alvercas, nem vallados, nem muros, que dividam a enorme superficie. Os barrancos não a recordam, e as ribeiras não a fecundam. Na face d'aquella terra está escripta a igualdade e a monotonia. Nenhum palacio accusa as desigualdades do presente, e nenhuma ruína feudal aponta para as desigualdades do passado. Com effeito, a meia idade na Espanha não apresenta o caracter sinistro que teve no centro e no norte da Europa. O senhor e o vassallo não estavam tão profundamente separados como nos outros povos. O desejo e a ambição mantum de libertarem a terra espanhola do dominio moirisco uniu os filiaes aos plebeus. Fox estes dignos e aquelles lhapos. Tornou-os familiares uns com os outros. As diademas, a tyrannia e a centralisação vieram de fóra. Trouxe-as a Austria no dia nefasto; em que os seus reis, de suas filias e os seus systemas passaram os Pyreneos. Então a planta venenosa, que no meio germanico, na atmosfera fria do norte, crescia inoffensiva e rachitica, desenvolveo vigorosamente os seus principios toxicos nas faldadas vergontosas da mancha, que cobriam a Espanha toda com a sua sombra perfida e mortal.

As horas passam e a perspectiva não muda. Continua-se a caminhar em plena Mancha. O chão é todo pedras, e o ar uma nuvem de poeira. As estações do caminho de ferro são quasi todas uns pardieiros. Nas raras povoações vêem-se crianças nuas bronçadas pelo sol. As mulheres são fortes, de aspecto resolutivo, e parecem não fazerem caso da machina que passa e estrondeia. Um castelhano não se admira de coisa nenhuma. No caminho encontram-se apenas alguns campones macilentos, de apparencia selvagem, vestidos com o velho traje tradicional ibérico sempre de cores escuras, calção curto, polainas e jaqueta lançada sobre o hombro, como hussards esfarrapados e altivos. São almocreves, que levam adiante de si bestas carregadas, como nos tempos, em que a locomotiva não silvava ainda por aquelles descampados fóra. Alguns nem olham sequer, como se fossem soberlos imperadores, ao lado de quem passassem plebeus em carroças. O typo é sempre o mesmo. Magro, trigueiro, rosto descarnado, cabeça quadrada, traços salientes, olhos vivos, cabellos escuros.

A Mancha é mais famosa pelo romance do que pelos acontecimentos reaes. Não ha lugar a que não esteja vinculada uma aventura do cavalleiro da Trist-figura, e que não relembre uma pagina do recontro celebre de Cervantes. Não de ser eternamente memoraveis Montiel, Toboso, Argamasilla d'Alba, todos esses campos de ridiculas batalhas, onde terçou armas o comico e immortal paladino das amorosas cavallarias da meia-idade. Os moinhos de vento, que apparecem ao longe por cima das searas de trigo, fazem pensar no heros manchego e na sua numerosa descendencia viva. Reconhece-se bem nos novos Quixotes os traços de familia do avô retratado pelo poeta. As differenças são pequenas. Consistem apenas em ser maior do que a Mancha a scena, e em serem outros os moinhos de vento.

Diz o proverbio que na Mancha nem agua nem sombra. Antigamente nem puz nem segurança. Ainda hoje o manchego dá uma navalhada por qualquer coisa. Quando se ouve falar da Mancha, pensa-se logo em bandidos de chapou carregado, trabuco em punho e punhal na cinta ou nos dentes. O saltador, porém, não passa já de um mytho para uso dos melodramas e para a rhetorica dos livros de viagens. Antigamente o bandido era tão inseparavel das planicies desertas e das montanhas inhospitas, que n'uma descripção d' Hespanha, a mentira tenta e seduz como um Mephistopheles. Apras contar uma aventura de saltadores, uma refrega com bandidos famintos.

N'outros tempos ninguém atravessava a Mancha senão escoltado. Esse deserto era infestado por quadrilhas de saltadores, que roubavam ao viajante a bolsa, o vestuario e a vida. A escolta não era mesmo um preservativo inteiramente seguro. Muitas vezes era batida, destrogada e morta. Nas velhas estradas não ha um lugar que não tenha sido o theatro de uma batalha sanguinolenta travada entre bandidos e a força armada. O folio, que, depois de roubado, se podia evadir, la debalde, pobre e nu, queixar-se ao senhor alcaide. Era um manchego tambem. Podia ir depois ao corregedor. Era a mesma coisa. Não tinha testemunhas. O saltador é que as tinha, quando queria. Pelo seu lado estava sempre a liga dos pobres, que não denunciavam nunca ladrões, e que não depunham contra elles. Pelo contrario todos os auxiliavam. Os pastores traziam-lhes leite das suas cabras, os almocreves vinham advertil-os dos perigos, e os raros habitantes enganavam os carabineiros, que os perseguiam.

As origens do bandido castelhano eram a miseria, a falta de população e o orgulho de raça. Nos annos abundantes o numero dos assaltos era sempre diminuto. Nos annos de fome não tinham conto. Por outro

lado o solo pertence quasi aos ricos. Esses dominios dos grandes senhores e da corôa, por serem muito extensos, são mal cultivados, e por si mesmo despovoados. O saltador vivia ali livre e desafogado, num meio proprio adequado. O outro factor do bandido castelhano era o orgulho. Todo o bom castelhano preferia roubar a pedir, ser independente e selvagem nas charnecas a ser humilde e servil nos povoados. O manchego fazia-se saltador para não trabalhar ás ordens de outro, e para não pedir. Neste modo de vida criminoso, nesta pratica do mal, conservava todavia todas as boas qualidades da independencia e da altivez. Não atacava os que tinham pouco. Pelo contrario, parte do que apprehendia dividiam-no pelos pobres. O ladrão não tinha um direito escripto, mas tinha um direito consuetudinario, que seguia e cumpria á risca. Não matava senão os que resistiam, e deixava sempre ao roubado, que se resignava, o bastante para chegar ao seu destino. Não mentia nunca senão ás auctoridades. Quando fazia uma promessa, cumpria-a, e quando tinha motivos para ser grato era-o de veras. Não traiçoaava ninguém, e a sua protecção era sempre sincera e efficaz. Entre os saltadores reinava quasi sempre a lealdade. O traidor era morto. Quando lhes aprisionavam um companheiro, faziam tudo por elle. Procuravam logo o seu resgate á custa de sacrificios e de temeridades. O systema mais vezes empregado era o de refens. Muitas vezes os saltadores levavam para as suas cavernas um fidalgo ou um rico, que só trocava m pelo saltador preso. Quando não vinha esse preço vivo da liberdade, insistiam, mandando, por exemplo, uma orelha, um dedo, um olho. Se ainda assim lhes não libertavam o companheiro, mandavam então o cadaver, e ficavam com a consciencia de terem cumprido os deveres da camaradagem.

Outra qualidade do bandido era a devoção. Ao peito trazia sempre o escapulario. Fazia promessas, offerecendo á Virgem e aos santos quinhões das presas. Quando eram bem succedidos, iam religiosamente depôr no altar as percentagens prometidas. Dividiam assim com os que do seu protegiam a sua guerra feita aos ricos da terra.

Esta raça está quasi extincta. Apenas de annos a annos apparece um ou outro caso d'este atavismo de costumes. Os terrenos vão-se cultivando, e a guarda civil leva a todos os ermos á segurança, que antigamente nem sempre se encontrava nas cidades. Hoje o bandido pertence á lenda e á poesia do passado. Na Mancha, porém, a natureza dos sitios e a tradição dos lugares faz sempre pensar 'nelle. Depois, no passo que nos vamos aproximando de Madrid, o pais vai-se povoando mais. Amanhã, na Puerta del Sol, nesse forum das Espanhas, já não pensaremos mais nas cruzes do caminho aspero e deserto, por onde se vai para uma das mais cheias colmeias humanas, que ha na Europa.

ANSELMO DE ANDRADE.

EXPEDIENTE

O abaixo assignado, administrador do Mundo, tem em seu poder, para ser entregue aos srs. assignantes abaixo designados, as quantias que ao lado vão mencionadas tambem:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Da ex. sr. C. de B., D. A. C. S., Do ex. sr. B. de S. R., B. J. C. C., D. P. de S. S., and J. P. M.

Estas quantias foram recebidas porque vieram pelo correio em vales e estarpilhas. A's pessoas que espontaneamente vinham pagar ao escriptorio, — e eram muitas — não se lhes recebeu o dinheiro.

O abaixo assignado, administrador tambem do Antonio Maria e proprietario da Empresa Litteraria Lu-

so Brasileira, continúa a cumprir como deve e com toda a regularidade e honradez os negocios de que o incumbem.

Escrptorio Travessa da Palha n.º 140, 1.º

O ADMINISTRADOR A. de Souza Pinto.

TELEGRAMMAS

Londres, 22.—250 caçadores ingleses avançaram para lá de Meaballa umas 6 milhas, a fim de destruir o caminho de ferro. Trocou-se vivo fogo com a guarda avançada do exercito de Arabi-pachá, que se retirou deixando no campo dois mortos. O exercito de Arabi não tem augmentado.

Paris, 22.—Diz o Temps que o governo francez pedira 40 milhões de francos para a expedição do Egypto, e que o governo inglez pedirá á camara dos deputados 60 milhões. Embarcarão brevemente para o Egypto 5:000 homens de infantaria de ma-

riuha. O sr. Childers, pedirá um augmento de 10:000 homens para o exercito ingles.

Alexandria, 22, tarde.—O kediva publicou já o decreto declarando Arabi-pachá rebelde, e ordenando aos soldados que lhe não obedeam, e á população que lhe não pague os impostos. Foi apprehendido um paquete que vinha de Constantinopla, e preso o capitão, por suspeita de trazer cartas para Arabi-pachá. O Cairo está tranquillo.

Paris, 22, tarde.—O conselho de ministros examinou esta manhã as providencias que convem tomar para a protecção efficaz do canal de Suez.

Os creditos necessarios serão provavelmente pedidos amanhã.

ANNUNCIOS

A' Volta do Mundo 1 vol. luxuosamente encadernado 3\$500 A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

ALBUM DAS GLORIAS DESENHOS DE BORDALLO PINHEIRO Texto de João Rialto, João Ribalxo, João Ripouce, etc. Publicação de caricaturas, formato in-folio, chromo-lithographias coloridas, rivalizando com o que de melhor se publica no estrangeiro: magnifico papel de luxo. Estão publicados 28 perfis d'esta publicação completamente nova em Portugal. Esta publicação começou a sahir com a mesma regularidade com que tem sido publicado o jornal O Antonio Maria Preço: avulso, 120 réis; a-signatura, 12 numeros, 1\$200. Venha-se nas principaes livrarias. — Assigna-se no escriptorio da Empresa — Rua dos Correios, 140, 1.º para onde deve ser dirigida toda a correspondencia ao administrador A. de Souza Pinto.

Bellissimos brindes Brilhantes e esplendidas publicações AS RAÇAS HUMANAS, por LOUIS FIGUIER.—Magnifica publicação, nitidamente impressa, optimo papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimos chromo-lithographias. 1 volume de 630 paginas, lindamente encadernado a chagrin e panno dourado pela folha, 3\$600 reis; brochado, 2\$400 réis. A' VOLTA DO MUNDO, JORNAL DE VIAGENS E ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS—ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes. A primeira publicação geographica que se faz em Portugal de tanta importancia e com tanto luxo e nitidez. Directores litterarios—Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo—coadjuvados para os diferentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores. O 1.º volume contém 138 gravuras, nitidamente impresso, bom papel, typo novo, etc., etc. Preço:—Lindamente encadernado e dourado pela folha, 3\$800; encadernado em percalline, 3\$500; brochado, 2\$500 réis. O ANTONIO MARIA, por BORDALLO PINHEIRO.—3 bellos volumes, encadernados a capricho, contendo coisas extraordinarias e para rir, 15\$000 réis. O ALBUM DAS GLORIAS.—Destuabrante publicação no genero. Estão publicados 28 numeros.—Preço 2\$800 réis. NO PORTO A' venda na EMPREZA JORNALISTICA E LITTERARIA de A. Ferreira de Brito, rua da Victoria, 166. EM LISBOA A' venda no escriptorio da EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA, director-proprietario A. DE SOUZA PINTO rua dos Correios, 140, 1.º

Eça de Queiroz—Ramalhó Ortigão AS FARPAS CHRONICA MENSAL PREÇO 200 RÉIS SUMMARIO D'ESTE NUMERO A patria portugueza e os quatro milhões d'egnosmos de que ella consta—Presente estado das ideias—A religião—A politica—A moral—A arte—Sentido historico do centenário de Camões, sua influencia e seus resultados—Dois annos depois—A celebração do centenário do Marquez de Pombal considerada como symptoma psychologico—Do estadista em geral e do Marquez em particular—Adduzem-se razões e testemunhos insuspeitos para o fim de provar que o estadista é um agente secundario entre os accelleraes do progresso, e que o Marquez de Pombal é um individuo secundario na classe dos estadistas—Buckle, Guizot, Bastiat, Begehot, Herbert Spencer, Wechniakoff, Augusto Comte, Michel Chevallier, e outros—Demonstra-se que o Marquez de Pombal exprime a negação de tudo aquillo que a liberdade affirmava e que a democracia proclama—Coerção da agricultura, coerção da industria, coerção do commercio, coerção dos direitos civis, coerção do pensamento—Arruamento geral de todas as actividades nacionaes pelo systema quadrangular da realificação da Baixa—Secularisação do Jesuitismo na pessoa do mesmo Marquez—A estatua de Sebastião e o monumento do Torreiro do Paço—Parallelo do cavallo e do cavalleiro—Pede-se o esquecimento para um e uma charrua para o outro. A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira 140, Rua dos Correios, 1.º

AS RAÇAS HUMANAS

POR

LOUIS FIGUIER

VERSÃO PORTUGUEZA

DE ABILIO LOBO

Um volume de 650 paginas, nitidamente impresso, magnifico papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimos chromo-lithographias

Preço: brochado, 3\$000 réis; lindamente encadernado e dourado pela folha, 3\$600 réis

Empreza Litteraria Luso Brasileira, Editora—Travessa da Palha, 140, 1.º—Lisboa

INSTITUTO SANITARIO HYDROTHERAPICO

ANNEXO AO GRANDE HOTEL DO PORTO

Fundador—Dr. Miguel Couto dos Santos

Medicos effectivos desde a sua fundação—Ricardo de Almeida Jorge e Miguel Arthur da Costa Santos

Fundado em fevereiro de 1881, o Instituto Hydrotherapico do Porto foi o primeiro estabelecimento do seu genero em o nosso paiz, prestando aos clinicos e aos doentes um recurso therapeutico de uma vantagem hoje posta fora de toda a contestação e como tal vulgarisadissima no estrangeiro. A utilidade e a necessidade da tentativa foram felizmente comprehendidas; uma avultada concorrência de doentes de ambos os sexos e os felicissimos resultados obtidos amplamente o comprovaram. Para corresponder a este favor crescente, procedeu-se a nova installação, em edificio expressamente feito, com todas as commodidades materias e aperfeiçoamento da instrumentação hygienica, á altura do que a experiencia e a sciencia tem indicado de melhor. É este novo estabelecimento, cuja abertura se annuncia ao publico.

A serie dos aparelhos hydrotherapicos é completa:—**DUCHES FIXAS** em chuveiros, corda de rei, lamina concentricas, columna e collo de cisne—**Duche dorsal**—**Duches moveis**, em chuveiro, columna e lamina.—**DUCHE CIRCULAR**, ascendente e descendente em recinto especial.—**DUCHE PERINEAL** hemorrhoidal e vaginal, tambem em recinto proprio. Tres reservatorios collocados a alturas diversas e alimentados por agua corrente, cuja temperatura oscilla entre 10° e 14°, fornecem a todos estes aparelhos **Agua Fria** em abundancia, podendo-se variar á vontade a sua quantidade e pressão. A **Agua Quente** é ministrada por um aparelho de circulação, graduando-se facilmente a sua temperatura e pressão, o seu emprego permite a applicação de—**Duches Quentes**, fixos, moveis e perineal.—**Duches Elctricas** e **Alternativa**. As **Estufas**, que são actualmente um elemento de primeira ordem em estabelecimentos d'estes,

acham-se dispostas segundo o melhor methodo. Ha estufas de ar quente, seco ou humido e de vapor.—**Banhos de estufa e de vapor**.—**Banhos russo e turco-romano**, hoje tao preconizados, não só como elemento therapeutico poderoso mas como excellentes melhoradores hygienicos.

Uma **PISCINA**, que pode receber agua a temperaturas diversas, é utilizada para a imersão simples ou consecutiva ás sudações de estufa.

As duches therapeuticas sòmente serão applicadas pelos medicos do Instituto; nas sessões a applicação será feita por pessoa do mesmo sexo, convenientemente habilitada.

A's duches succedem-se **Massagems** methodicas e **exercícios gymnasticos** da reacção.

Gymnastica Medica, dirigida por professor habilitado, sob as prescripções dos medicos do Instituto.

Electrotherapia, por correntes induzidas e continuas; as electricações são praticadas com aparelhos volta-faradicos e baterias galvano-therapicas.

A **hydrotherapia**, a **gymnastica**, a **electrotherapia**, constituem meios poderosos de tratamento, em variasissimas molestias taes como: hysteria, epilepsia, chora, hipochondria, nevralgias rebeldes, certas paralyticas, myelites, scleroses, e outras affecções encephalicas ou medulares, anemias, chlorose, lymphatismo, achrophia, bronchites chronicas, asthma, angina de peito, intoxicações, cachexias, tuberculosos incipientes, syphilis, rheumatismos chronicos, diabetes, albuminuria, dyspepsias, e outras affecções do aparelho digestivo; vicios de conformação, molestias de pelle, do figado, das vias genito-urinarias, etc.

As applicações hydrotherapicas são feitas pela manhã das 7 e meia ás 9 e meia horas, e de tarde da 1 e meia ás 3 e meia horas.

Gymnasio completo.—Cursos diurnos e nocturnos de gymnastica.—Egrima.—Sala de bilhar.

No escriptorio do estabelecimento dão-se todos os esclarecimentos precisos

Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto—livro de orações consideravelmente augmentado: impresso em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo.)

Livros de estudo portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albums para retratos e desenho: vistas de Portugal, ethnographias, chromos, objectos para desenho. Unica casa onde se vendem livros para Conservatorias.

229, RUA AUGUSTA, 231

O ANTONIO MARIA

Publicação humoristica illustrada

POR

BORDALLO PINHEIRO

E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81.

Existe um diminuto numero de colleções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente encadernados, capa em chromo, envernizadas, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 1\$4000 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

A venda na Empreza Litteraria Luso-Brasileira, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida a A. de Sousa Pinto.

Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empreza recebem-se colleções para encadernar e arrumar nas mesmas condições ao preço de 3\$500 réis os 3 vol.

A FOLHA NOVA

Redactor principal, Emydio d'Oliveira

Assignatura: Porto, anno, 3\$000; semestres, 1\$500; trimestres, 750 réis. Provisão, anno, 3\$000; semestres, 1\$500; trimestres, 750 réis. Brazil e Estrangeiro, anno, 6\$000 réis.

Redacção e administração, rua da Fabrica, 66—Porto.

ALMANACH

DO

ANTONIO MARIA

PARA 1882

Preço 200 réis

A' venda no escriptorio da Empreza Litteraria Luso-Brasileira, Correios, 140, 1.º, Lisboa.

EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. de Sousa Pinto

140, 1.º—Travessa da Palha, —1.º, f.º

LISBOA

Á VOLTA DO MUNDO

Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historias, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO GEOGRAPHICA QUE SE FAZ EM PORTUGAL DE TANTA IMPORTANCIA E COM TANTO LUZO E ESTILO

DIRECTORES LITTERARIOS

Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo

Conjunctados para os differentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores

O 1.º vol. contém 128 gravuras nitidamente impressas, em bom papel, tipo novo, etc.

Preço brochado..... 3\$000

Lindamente cartonado..... 3\$500

A venda no escriptorio da Empreza Litteraria Luso-Brasileira, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida a A. de Sousa Pinto.

Este jornal é distribuido á 7.ª fascicillo do 2.º anno.